

FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. Tradução do francês para o espanhol de Alfredo Tzveibel. Buenos Aires: Editorial Altamira; Montevideo: Nordan-Comunidad, 1993, 209 p.

*Raquel de Azevedo **

A genealogia do discurso histórico, esquadrihada por Foucault em *Genealogia del Racismo*, propõe a investigação sobre a guerra como princípio de análise das relações de poder. Esta obra coloca-nos no alvo da reflexão sobre questões candentes como a inexistência da neutralidade do fazer história, a permanência da guerra e as origens do discurso racista.

O livro, traduzido para o espanhol, traz aulas proferidas no Collège de France no início de 1976 onde Foucault faz um rápido balanço a respeito da fragmentação de suas pesquisas genealógicas, mostrando sua coesão não numa teoria geral mas no questionamento dos saberes instituídos como pretensos discursos científicos.

A questão do poder, tema perseguido pelo filósofo-historiador, apresenta-se sob a crítica à abordagem jurídico-filosófica. O filósofo, da antiguidade até Kant, com destaque para Hobbes, tende a diluir as relações de força e de guerra, apontadas de modo hipotético na origem do estado (guerra de todos contra todos) para a instituição da soberania e da lei que instaura a paz, ou seja, a ausência da guerra. Deixa-se de investigar as relações reais de poder, suas táticas e estratégias, as violências e paixões existentes na fundação da sociedade, em nome de um ideal racional e perfeito de estado.

O discurso histórico, sob a perspectiva das relações de força ou da guerra, surgirá na modernidade, opondo-se ao "elogio a Roma", que constituía até então o modelo da história da soberania. Desde a antiguidade até o período medieval, o discurso histórico elabora genealogias para garantir a continuidade do poder através da continuidade da lei e para reforçar o poder pela intensificação da glória e dos exemplos do passado.

O ingresso do enfrentamento das raças através das nações e leis irá ocorrer em fins do século XVI e começo do XVII, como uma contra-história

* Mestranda pelo Departamento de História-FFLCH/USP.

ou uma história anti-romana. A crítica à soberania da monarquia absoluta que oculta a conquista para estabelecer a continuidade do poder irá surgir no seio da oposição parlamentar e entre os puritanos na Inglaterra e também no interior da aristocracia francesa, que se encontra despossuída diante do rei.

O discurso histórico como deciframento, como denúncia, passa a relatar não mais os grandes feitos da soberania mas as violências, traições, proliferação e debilidade da raça, invasões cometidas para a instauração do poder. A polarização binária entre vencidos e vencedores inaugura a história das raças, a história da guerra, a qual é instrumento ou arma da política do presente. A burguesia inglesa e a aristocracia francesa irão, assim, munir-se do saber histórico, da pesquisa documental sobre seus antepassados para restabelecer seus direitos usurpados pelo poder real.

Desta maneira o conhecimento histórico passa a ser instrumento no jogo do poder, delineando-se a continuidade entre história e política. Foucault discute esta conexão invertendo o princípio do general prussiano Clausewitz: "se a guerra é a política continuada com outros meios, a política é a guerra continuada com outros meios" (p. 38).

As relações de força e a guerra são agora o eixo central da história, colocando-se a luta entre raças como seu motor. Tal concepção dará origem no século XIX, a duas correntes de análise, fundadas, uma sobre a luta de classes, e outra sobre o racismo.

O racismo, tratado por Foucault mais especificamente na última lição, será um elemento constitutivo do biopoder, estratégia surgida no final do século XIX, que irá desembocar no nazismo. A guerra das raças torna-se racismo de estado quando o estado retoma da soberania clássica o direito de vida e de morte sobre os súditos. Cria-se um novo aparato da tecnologia disciplinar do corpo que irá instaurar uma bio-política da população, visando regenerar a raça através da eliminação das raças inferiores, da sub-raça, dos indivíduos anormais, dos degenerados para a normalização dos comportamentos. A morte do outro possibilita a vida sã e a purificação da raça. O outro torna-se não um adversário, mas um perigo externo ou interno que deve ser eliminado para a regeneração da população, novo objeto da história, trazido pela demografia.

Foucault faz o elogio do discurso da guerra de raças, o qual distingue, porém, do discurso do racismo. O primeiro possibilita uma história-reivindicação e uma história-revolução, como discurso que faz o deciframento da história oficial da soberania, calcando-se nas oposições entre grupos ou raças, que não teriam, no início, um significado biológico, mas apontariam diferenças de língua e religião entre comunidades que não se misturam.

Por fim, de modo coerente com esta postura, o filósofo situa-se a si mesmo no interior de relações de força que gera seu trabalho intelectual com

a oposição das correntes marxistas. É justamente contra seus adversários, ou seja, contra aqueles discursos que teriam a aparência da cientificidade, que Foucault tece a verdade de sua fala, como uma arma, a qual está engajada na tensão de forças, buscando a vitória com a difusão de suas idéias e a manutenção de seu espaço de pesquisa, inclusive no Collège de France.